

Capítulo 17: Dor

(Artenis)

— Mãe! — gritei, enquanto corria em direção à mulher que caía do prédio.

Felizmente consegui alcançá-la em tempo, segurando-a em meus braços antes que ela se chocasse contra o chão. O peso jogado sobre mim me fez cair de joelhos sobre o concreto; meus joelhos sangraram. Mas eu não me importava com a dor que aquilo me proporcionava, tudo com que eu me preocupava era ela.

Contudo, era tarde demais, ela sangrava muito. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, não comigo ali. Como eu deixei aquilo acontecer...?

— Mãe, fica comigo! Mãe! — eu gritava, as lágrimas me enchiam os olhos.

— A-Artenis, está... tudo bem... — ela murmurou, sua voz estava fraca, e sangue escorria de sua boca. — Me desculpa, filho, eu... Eu fui uma idiota...

— Não fale, mãe. Tá tudo bem, eu vou curar você, eu posso curar você!

— Garoto, não! Se você curá-la, poderá morrer! — Sete interviu. — Me entregue-a, meu sangue vampírico pode curá-la!

— Não permitirei que isso aconteça! — Violeta protestou, saltando do prédio onde estava para cair bem acima de mim.

Recuperando minhas forças, me levantei e corri com minha mãe sangrando em meus braços. Caso eu tivesse me atrasado por um segundo, teríamos sido esmagados por Violeta, que deixou enormes rachaduras no local em que pousou. Mesmo assim, o

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

impacto de sua aterrissagem foi tão grande que me fez cair ao chão juntamente à minha mãe.

— Mãe! — Levantei-me e me aproximei dela novamente, me ajoelhando para tomá-la em meus braços.

— A-Artenis... — ela sussurrou.

— Agente firme, mãe! Sete irá curá-la! — chorei.

— N-não, filho... Eu... — Ela colocou sua mão sobre meu rosto, estava gelada. — Eu te amo... filho...

Aquelas foram suas últimas palavras, as de amor de uma mãe para seu filho. Eram as palavras que me faltavam...

Após isso, sua respiração parou, a luz de seus olhos apagava-se lentamente. Ela não mais se movia, e sua mão gélida, mas ainda macia, gentilmente abandonara meu rosto.

Naquele momento, gritei o mais alto que podia. Contudo, nem mesmo o grito mais alto poderia expressar a dor que eu estava sentindo. Uma dor indescritível, a mais forte que eu havia sentido na vida. Era pura e simplesmente dor e, para mim, nada mais existia além dela. Era como se fosse durar para sempre...

— Bem — Violeta caminhou elegantemente até mim. —, agora me entregue seu sangue, ou terei de tirá-lo à força.

Ela... Como ela podia agir tão calmamente, após ter acabado com uma vida?! Eu sentia puro ódio ao olhar para ela, para aqueles olhos frios e sem emoção, para aquele sorriso cínico. Tudo nela me incitava ódio e desprezo, e aquilo ardia ferozmente dentro de mim.

Deixei o corpo sem vida de minha mãe no chão e me levantei, cansado de não fazer nada. Nesse momento, senti uma força estranha fluir pelo meu corpo inteiro, era como se eu estivesse prestes a explodir.

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

— A-Artenis, seu corpo...! — observou Marcelly, atônita.

— Hã? — Olhei para minhas mãos, elas estavam envoltas por um estranho brilho dourado que cobria meu corpo inteiro. — O-o que tá acontecendo comigo?!

— Seu poder angelical está sendo liberado — Sete explicou, caminhando à minha frente. — Mas fique pra trás, garoto. Sou eu quem vai lidar com as coisas aqui.

O rosto do Sete expressava confiança, ao contrário do que eu esperava, que era tristeza pelo que havia acabado de acontecer à sua amiga de longa data. Mas, contrário a mim, ele não expressava medo, tristeza, dor ou raiva. Simplesmente estava focado e sério, como eu nunca havia o visto antes. Podia ser que ele possuía uma força de vontade maior que a minha? Ou, talvez, ele podia estar focado daquele jeito porque já havia desistido de todo o resto?

Enquanto essas dúvidas e sentimentos confusos enchiam meu espírito, ouvi Violeta dizer:

— Não pensem que me derrotarão tão facilmente quanto da última vez. Elizabete, pegue o garoto!

Nesse momento, Elizabete veio correndo até mim; mas uma pessoa entrou em seu caminho, ficando entre mim e ela. Era Marcelly.

(Marcelly)

— Então nos encontramos novamente, Elizabete — falei, empunhando minha *katana*.

— Que bom vê-la de novo, Marcelly; embora você não esteja em seu melhor estado — Elizabete lançou um sorriso desafiador enquanto segurava sua lança.

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

Nós estávamos a alguns metros de distância uma da outra, nos encarando. Finalmente estávamos frente a frente, eu procurava por aquilo. Muitas questões pairavam sobre minha cabeça, e eu queria me livrar delas.

— Elizabete, por que está fazendo tudo isto? Eu não entendo; isso contradiz o que você me contou naquele dia, no parque — disse.

— Há muitas coisas aqui que você não entende, e coisas que eu não entendo também. Apenas aceite nossos papéis e vá em frente! — Elizabete gritou, avançando até mim com sua lança empunhe.

Não me movi sequer um centímetro. Não sei por que eu estava hesitando, mas alguma coisa me dizia que Elizabete não estava atacando por vontade própria. Era isso que ela queria dizer com “papéis”?

Mesmo assim, quando a lâmina de sua lança já estava prestes a me perfurar, imediatamente a bloqueei com minha *katana*. Diante do perigo evidente, meu corpo parecia se mover automaticamente.

Surpreendentemente, a lâmina de minha *katana* cortou através da lança, como se ela fosse feita de papel, atingindo sua portadora, Elizabete; e a causando um corte na bochecha esquerda. A arma partida ao meio logo se transformou em sangue, e a vampira que a empunhava rapidamente recuou três passos para trás.

Ficou claro, naquele ponto, que ela estava usando hemomancia, a magia do controle de sangue, e que aquela lança havia sido criada a partir disso.

— Então essa espada sua é abençoada, não é? — Elizabete perguntou ao por sua mão sobre o corte recém criado em sua bochecha, que sangrava.

Os ferimentos causados por minha *katana* a um vampiro se regeneram mais lentamente, causando dano e ardência durante o processo; o que nos dá a chance perfeita para atacar enquanto se recuperam.

— Que pena. Acho que terei de usar outra arma, então — disse Elizabete, puxando o punhal que estava preso no coldre em sua perna esquerda.

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

Logo, ela novamente avançou em minha direção, dessa vez empunhando seu punhal. Vendo seus ataques, não revidei, apenas continuei a bloqueá-los com minha espada. As lâminas de nossas armas colidiam, e faíscas saltavam diante de nossos olhos, numa batalha onde só um lado atacava.

Contudo, as ofensivas de Elizabete continuavam a ficar mais rápidas e precisas, ao ponto de eu não mais conseguir acompanhá-las com os olhos. Sendo incapaz de segui-la, não pude bloquear seu punhal, e a lâmina dele atingira levemente o lado direito do meu rosto, me tirando sangue.

Imediatamente recuei um passo para trás; mas, pela primeira vez, não me impedi em atacá-la, avançando com toda minha força. Elizabete tentou bloquear meu ataque, mas a lâmina de minha *katana* foi adiante e perfurou-a no ombro esquerdo, chegando a atravessá-lo por alguns centímetros.

A vampira cuspiu sangue, enquanto a lâmina de minha arma queimava sua carne. Ela agarrou meu braço, tentando empurrá-lo para que eu retirasse a lâmina de seu corpo; e, usando sua outra mão, ela tentou me ferir com seu punhal, mas eu segurei seu punho, bloqueando seu ataque.

Nós duas medíamos nossas forças, uma contra a outra; eu não conseguia mais mover sequer um dedo, enquanto ela ganhava mais e mais espaço naquela luta, mesmo que estivesse ferida e sentindo dor, o que era visível pela expressão em seu rosto.

Finalmente, Elizabete deu o golpe que deu fim àquele impasse: um forte chute em meu estômago que me fez recuar forçadamente com a dor. A vampira também se afastou, colocando sua mão sobre o ferimento causado em seu ombro, que não parava de sangrar.

Eu também não estava no meu melhor estado, principalmente após já ter saído ferida de minha luta anterior. Meu abdômen doía, e eu mal conseguia ficar de pé por conta disso. Estávamos nós duas feridas, nos encarando.

— Você é realmente boa, eu devo admitir... — Elizabete sorriu. — É até melhor do que eu na luta a curta distância. Nesse caso...

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

Elizabete apontou seu punhal para o próprio pescoço e — num ato extremo e insano — o usou para perfurar a própria garganta, fazendo um corte que se abria na horizontal; de onde uma quantidade inacreditável de sangue começou a jorrar para fora de seu corpo, como uma fonte. Eu apenas observava aquela cena surreal em choque, sem saber como reagir.

Uma grande poça avermelhada logo se formou no chão à sua frente. Já recuperada do ferimento auto infligido — qual se regenerou rapidamente—, a vampira agachou-se, pondo a palma de sua mão sobre a poça que havia criado com seu sangue.

Após ela ter pronunciado algumas palavras inteligíveis para mim, a poça de sangue começou a modificar-se; o sangue no chão movia-se por si só, tomando a forma de letras, palavras e símbolos dentro de um círculo que, para mim, não faziam sentido algum.

— Este é o meu poder máximo, prepare-se! — ela proclamou com grandeza.

O círculo de sangue com símbolos e palavras desconhecidas formado no chão começou a brilhar num vermelho intenso e, dele, uma enorme silhueta começou a emergir. A silhueta tomou a forma de uma enorme criatura monstruosa de características humanoides, um golem de sangue, por assim dizer. Media por volta dos três metros de altura e vestia uma armadura avermelhada ao estilo samurai.

— Ataque-a. — Elizabete o ordenou.

Seguindo a ordem de sua mestra, a enorme criatura avermelhada deu um salto extremamente longo em minha direção. Rapidamente corri para a direita, escapando por pouco do impacto esmagador de sua queda. Com o pouso, uma nuvem de poeira levantou-se ao meu redor, e eu não conseguia enxergar nada que estivesse além de dois metros de mim.

De repente, Elizabete emergiu da nuvem de poeira, me atacando com seu punhal. Defendi seu ataque com igual velocidade e, logo após, contra-ataquei com minha *katana*, desferindo um corte em minha oponente. Nesse momento, notei que aquela não

BLOOD CURSES: DAY

Maldições de Sangue: Dia

era a verdadeira Elizabete, mas apenas outro clone; pois, assim que a atingi, ela se desfez numa poça de sangue.

— Aah! Me larga! — ouvi Artenis gritar.

A poeira logo baixou, e eu pude ver, o golem de sangue segurava Artenis — que já estava de volta ao normal — em sua mão como se ele fosse um boneco. A verdadeira Elizabete também estava ali, subindo nas costas de seu golem para sentar-se sobre seu ombro. Logo enormes asas cresceram das costas do grandioso monstro, e ele alçou voo pelo céu da noite.

Então era tudo só um plano dela para me distrair e raptar Artenis durante a confusão. Droga, como pude não ter percebido isso? Só há um jeito de alcançá-la, então...

— Leonardo! — o chamei.

O lobisomem, que até aquele momento estava ajudando Sete em sua luta contra Violeta, logo veio correndo até mim.

— Precisamos pegar o Artenis de volta, já sabe o que fazer — o disse.

— Sim, mes... Digo, Marcelly!

Leonardo então caiu sobre seus joelhos e mãos no chão, imediatamente transmutando-se em sua forma de lobo. Montei nele, como num cavalo, e ele disparou a correr sobre suas quatro patas, seguindo na direção para onde o golem que raptara Artenis voava.

— Aonde cês tão indo?! — Sete perguntou aos gritos.

— Vamos resgatar Artenis! Fique aí e segure Violeta! — gritei em resposta.

— Não me dê ordens, pirralha! — ele retrucou, dando continuidade à sua luta contra a vampira Violeta.

Sim, este é o fim. É hora de acabar com isso, e concluir minha missão; tenho certeza de que Sete nos ganhará tempo.